

Isabel Corrêa da Silva

ESPELHO FRATERNAL

o Brasil e o republicanismo
português na transição
para o século XX

Prefácio
Rui Ramos



AA

PORTUGAL
BRASIL
AGORA



Na segunda década do século XX, a integração do luso-brasileirismo na consciência imperial portuguesa ganhou forma concreta, com a súbita multiplicação de propostas e iniciativas, espalhadas do campo cultural ao político, tendo em vista o estreitamento de relações entre Portugal e Brasil. Deste impulso emergiram várias modalidades de consubstanciação da amizade luso-brasileira, na forma de projectos de aliança, tratados e convenções bilaterais ou mesmo de confederação. A assinatura de um tratado era, como se sabe, eterna quimera da política portuguesa e assim continuou a ser. A ideia de uma aliança formal ganhou muito adeptos na primeira década do século XX, e mais ainda durante a Primeira Guerra, mas acabou por esmorecer, sendo substituída por uma aposta, politicamente mais realista, no reforço dos meios de expressão da comunhão da latinidade.

A primeira sugestão explicitamente declarada de uma intervenção institucional na promoção da aproximação luso-brasileira talvez tenha sido a já mencionada do brasileiro Sílvio Romero em 1902. Em 1908, Coelho de Carvalho alvitrou uma oficialização dessa aliança numa célebre conferência na Academia de Ciências de Lisboa. Um ano depois, foi a vez de, na Sociedade de Geografia de Lisboa, Consiglieri Pedroso apresentar as suas já referidas bases para um acordo luso-brasileiro, iniciativa que desencadeou uma série de respostas e reacções. Depois de 1910, as diligências pela aproximação luso-brasileira ganharam um carácter mais político e proliferaram, em Portugal e no Brasil, comunicações e ensaios sobre o assunto. Como era expectável, os luso-brasileiristas portugueses nunca encontraram no Brasil eco correspondente ao ânimo das suas propostas de aproximação política. A República Portuguesa da segunda metade da década do século XX não se enquadrava na lógica de interesses brasileira que estava, aliás, quase exclusivamente voltada para uma escala continental. Era na sua dimensão cultural que a luso-brasilidade estava naturalmente mais dotada para obter um bom acolhimento entre os brasileiros.

Entre 1915 e 1920 o projecto da revista *Atlântida* congregou gente dos mais variados quadrantes políticos de um lado e do outro do Atlântico, mantendo sempre abertas as várias dimensões dessa luso-brasilidade. Sob uma dupla direcção (João de Barros em Portugal e João do Rio no Brasil), a revista tentou o estatuto de uma semioficialidade, estampando na capa a advertência; “sob o alto patrocínio de S. Exas. os ministros das Relações Exteriores do Brasil e dos Estrangeiros e Fomento de

Portugal”. Nos seus cinco anos de existência, a Atlântida foi um palco eclético por onde passaram quase todas as formas de expressão, mais ou menos assumida, do luso-brasileirismo como discurso político. Desde as tentativas de recuperação do acordo de intercâmbio cultural de Consiglieri Pedroso, à abertura de um inquérito sobre a viabilidade de uma confederação luso-brasileira, passando por reflexões históricas sobre as afirmações da consciência nacional ou sobre a excepcionalidade da nação portuguesa e da sua missão civilizadora. Em 1917, em resposta a um repto lançado pelos editores, publicaram-se na revista dezenas de artigos com considerações e propostas de reforço da aliança luso-brasileira, muitas delas já alvitando a hipótese concreta de uma confederação de cariz propriamente político.

(...)

O surto luso-brasileirista expandiu-se com fôlego dos meios culturais aos políticos. Em diferentes quadrantes, portugueses e brasileiros, se aventaram planos para o desenvolvimento de uma política do Atlântico. Em 1918, Lobo d’Ávila propôs na Câmara dos Deputados a nomeação de uma comissão parlamentar encarregue de estudar os meios de reforço institucional de laços oficiais entre Portugal e Brasil. Com o fim do sidonismo, ressurgiu o ideal republicano federal e com ele novas propostas para a organização de um estado federado português, incluindo o Brasil à esfera de uma Confederação. Mas talvez a figura que mais entusiasticamente personificou este luso-brasileirismo de simbiose político-cultural tenha sido João de Barros, que começou a publicar ensaios sobre o Brasil e as relações luso-brasileiras ainda antes do projecto Atlântida.

Isabel Corrêa da Silva, *Espelho Fraternal*. O Brasil e o republicanismo português na transição para o século XX, Lisboa, Divina Comédia Editores, 2013, pp. 393-395.